

FRAGMENTOS DA CONSTITUIÇÃO DE MINHA IDENTIDADE DOCENTE: TENSÕES E PERSPECTIVAS NO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO E PROFISSIONALIDADE DOCENTE

LUCIANA MIYUKI SADO UTSUMI*

RESUMO

O presente texto constitui-se no exercício de resgatar alguns dos fragmentos de minha trajetória profissional que possibilitaram a reflexão continuada e progressiva para a constituição de minha identidade docente, os quais consistem em fases distintas da minha experiência profissional docente, que transitou da educação infantil, passando pelo ensino fundamental (anos iniciais) até à inserção no ensino superior, segmento em que me encontro nos dias atuais. Partindo do pressuposto de que “andamos sempre carregados de história”, apresento três narrativas autobiográficas no intuito de compreender meu processo de constituição em termos da profissionalização e da *profissionalidade* docentes. Revisitar meus registros reflexivos acerca da minha trajetória docente possibilitou-me, além do resgate de minha história de vida pessoal e profissional, o desvelamento das condições nas quais fui me tornando pessoa-aprendiz e, como desdobramento desse processo, professora-aprendiz em constante processo de constituição e transformação. Analisar tais registros carregados de tensões remeteu-me ao que fui ontem, ao que sou hoje e ao que quero ser amanhã.

Palavras-chave: identidade docente; profissionalização docente; profissionalidade docente; formação de professores.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

DESENVOLVIMENTO

“Andamos sempre
carregados de história.”

António Nóvoa

O presente texto constitui-se no exercício de resgatar alguns dos fragmentos de minha trajetória profissional¹, à medida que concordo com Nóvoa (1995) quando afirma que os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um *produz a vida*, e que, no caso dos professores, consiste em também *produzir a profissão*. Tais fragmentos, de forma significativa, possibilitaram a reflexão continuada e progressiva para a constituição de minha identidade docente, os quais consistem em fases distintas da minha experiência profissional docente, que transitou da educação infantil, passando pelo ensino fundamental (anos iniciais) até à inserção no ensino superior, em que me encontro nos dias atuais.

Ainda na esteira das ideias de Nóvoa (2009, p. 11), é importante lembrarmos que “o discurso autobiográfico comporta riscos múltiplos. Ninguém

se diz impunemente. É fácil cair na tentação do tudo ou do nada. Mas, como escreveu Severo de Melo a propósito dos alunos, não somos anjos, nem demônios. Somos apenas pessoas. E já não é pouco”.

Iniciemos o processo de compreensão de meu processo de constituição da profissionalização e da *profissionalidade* docentes partindo do pressuposto de que “andamos sempre carregados de história” (NÓVOA, 2009, p.11).

¹ O presente texto foi elaborado como trabalho final da disciplina “Currículo e cotidiano escolar”, ministrada pela Profa. Dra. Norinês Panicacci Bahia, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo. A proposta de atividade considerou as reflexões de cada aluno(a), a partir das leituras e das discussões realizadas na disciplina durante o primeiro semestre de 2013.

Desde o início de minha prática docente, em 1997, considerei a sala de aula como o lugar privilegiado em que se realiza e se efetiva o ato pedagógico escolar. Eu já intuía, embora tenha compreendido algum tempo depois, que para ela afluem as contradições do contexto social, os conflitos psicológicos, as questões da ciência e as concepções valorativas daqueles que compõem o ato pedagógico: o professor e os alunos. No que concerne a essa colocação, é de grande importância destacar a preciosidade do momento pedagógico vivenciado por professores e alunos em sala de aula (CUNHA, 1989). As colocações pessoais de cada aluno, as habilidades de cada um, as formas próprias de expressão corporal ou oral, os gestos manifestos, as linhas e as entrelinhas nas falas, as dificuldades específicas, enfim, a subjetividade de cada um que precisa ser considerada pelo olhar do professor em seu trabalho diário. O professor precisa estar *disponível*, justamente nos termos de Freire (1996, p. 134), de

estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. (UTSUMI, 2004, p. 23-24)

Por meio de experiências próprias e acumuladas, assumi que o papel do educador é de uma inegável responsabilidade e de uma exigência de aperfeiçoamento constante para que possa apresentar-se como uma ação eficiente e eficaz. Contudo inúmeras vezes sentimo-nos sozinhos, isolados e sem instrumentos adequados para realizar, na nossa prática cotidiana de sala de aula, a tarefa de educar assumindo posições que se fundam em conhecimento atualizado (segurança intelectual) e em tranquilidade emocional. Assim, passamos a refletir sobre formas de redimensionar nossa prática pedagógica para aprimorá-la de forma tal que possa contemplar os termos da realidade e o interesse dos alunos sem, contudo, perder como referência os objetivos de ensino e de aprendizagem em uma prática reflexiva, com vistas a uma ação pedagógica bem-sucedida (UTSUMI, 2005, p.112).

Nesse contexto, diferentemente do que se costuma afirmar, não podemos considerar a dimensão pessoal descolada da dimensão profissional, pois ambas as dimensões complementam-se e influenciam a constituição da identidade docente em seus múltiplos aspectos. Um dos aspectos mais significativos do paradigma do professor reflexivo, tal como ele se desenvolveu em todo o mundo na última década, é, sem dúvida, a inscrição de histórias ou narrativas de vida, sobretudo em programas de formação continuada de professores. Tornou-se mais nítida a compreensão dessa unidade ontológica, o ser-professor, na qual se corporiza a ligação da teoria à prática e define-se um determinado devir profissional (NÓVOA, 2009, p.12).

A seguir, apresento alguns trechos / fragmentos de minhas “narrativas de vida” e coloco-me no desafio de problematizar tais vivências identificando os limites da configuração de minha identidade profissional docente e suas possibilidades, à medida que, ao retomar o passado como trajetória histórica em substituição ao conceito de tempo deslocado e entrecortado do capitalismo moderno, considera-se a importância da narrativa na constituição e/ou resgate do sujeito e, portanto, em processos de formação / autoformação dos professores (SOUZA; PEREIRA; MARTINS, s/d).

Narrativa 1

Ultimamente, tenho testemunhado cenas de des-caso, des-respeito, des-encanto, des-compromisso, des-umanização nas salas de aula que tenho percorrido, nas andanças de meu percurso profissional. O saber e o conhecimento nos dão, via de regra, condições para compreender a teia de relações complexas nas quais um educador se encontra e, quando des-protegido, se enrosca e acaba por sucumbir... se torna refém, se anula, se des-umaniza... Contudo somente o conhecimento não garante meios de lidar com o universo complexo no qual estamos inseridos, um universo que passa, a meu ver, por uma fase também crítica de transição e de provação. A temática do meu mestrado anuncia a necessidade de um professor que reflete constantemente na

e sobre a sua prática, que busca alternativas para solução de dilemas e conflitos no processo de formação humana, que se compromete com a sua formação continuada... mas, como ser um professor reflexivo em tempos de constantes conflitos? Como encontrar tempo de qualidade para se fazer uma reflexão que surta efeitos positivos? Como “separar” pessoa e profissional e não alimentar expectativas em relação ao outro, a partir de minha visão de mundo? É possível esta separação ou estamos fadados a fingir que somos objetivos nas questões do mundo do trabalho? Será necessário abrir mão de meus valores e princípios, os quais considero atuais em tempos de crise, a fim de chamar o outro, me pôr no lugar do outro, me deixar seduzir pelo caminho mais fácil e cômodo? Caminho difícil constatar que valores como respeito, educação, tolerância, solidariedade estão se perdendo nos corpos inertes de alguns alunos e alunas... nos corpos que se mostram desinteressados, de costas para o professor, vidrados na tela de um computador, ouvindo música com fones, conversando a aula inteira, num movimento de completa falta de consciência de sua função social no grupo ao qual pertence. Como não me deixar atingir por estas posturas? Será que estou fadada a me desencantar, a desanimar, a desistir da ação verdadeiramente formativa? Por que corpos que não são tocados por minha prática tanto me incomodam a ponto de me desestruturar física e emocionalmente? Preciso encontrar meios de lidar com estas situações, criar uma ‘carapaça’ para não me deixar atingir por uma minoria que prejudica uma maioria de corpos-aprendizes. Será que consigo lidar com pessoas que nem ao menos têm respeito pela minha condição profissional? Será que criar uma zona de proteção resolve o problema? Me conformar de que é assim mesmo, estes corpos-ausentes aprenderão na vida, no trabalho, e um dia reconhecerão o valor das coisas que deixaram para trás... Será que esse dia chegará? Ou é pura ilusão? Pura vaidade em querer constatar que eu estava no caminho certo? Qual o direito que tenho de criar falsas expectativas

em relação aos corpos-descrentes? Será que o problema está em mim? Será que tenho condições de perseverar? Não sei, estou num momento de descrença, de necessidade de rever os caminhos para construir minha trajetória profissional. Desde minha formação inicial, ser professora era um ideal, um projeto de vida, uma busca que se justificava pelas minhas crenças no valor da formação humana.[...] Terei condições de construir a coerência entre o que falo e o que faço, em tempos de contradição, de individualismo, de descaracterização das relações humanas? (Luciana, em 7 de abril de 2009)².

Nessa narrativa, evidencia-se um movimento de busca de respostas a diversos desafios presentes na relação entre a professora que fui e meus alunos, permeado por inúmeros questionamentos que podem ser sintetizados nos termos que se seguem: *Que representação faço da minha profissão? Que representações fazem da profissão de professor? É possível conciliar objetivos coletivos com meus interesses individuais? Como ter coerência no que falo e no que faço em meio à complexidade da natureza humana? Apesar das singularidades, da experiência individual, da vida de cada um, é possível termos um projeto coletivo?*

Quando me questiono acerca de *como ser um professor reflexivo em tempos de constantes conflitos, como encontrar tempo de qualidade para se fazer uma reflexão que surta efeitos positivos*, concordo com Perrenoud (2002, p. 159) em sua visão consciente sobre as dificuldades da busca de aperfeiçoamento, pois, segundo ele,

² As narrativas presentes no texto constituem parte de meu “diário reflexivo”. Iniciei o exercício do registro de minha prática docente em 2005 – meu “diário reflexivo” – após a conclusão da minha dissertação de mestrado, por meio da qual constatei que o componente da reflexão na e sobre a prática configura-se como postura profissional de alto nível, bem como em um saber necessário para a progressiva profissionalização da docência. Os registros reflexivos são pautados em experiências profissionais de “bem-estar” docente e de “mal-estar” docente. Nota-se uma frequência maior nas reflexões que são deflagradas a partir de dificuldades didático-pedagógicas, uma vez que tais dificuldades devem ser problematizadas por meio de uma reflexão crítica que mobilize fundamentos teóricos para a tematização da prática e a superação dos entraves e dos insucessos da docência.

[...] é **difícil** dominar melhor a prática, afirmar a identidade, ampliar conhecimentos e aumentar competências, ela tem um **custo**! Precisamos de tempo, dinheiro, esforços, renúncia a outras atividades, paciência; temos de superar momentos de insegurança, fracassos, humilhações e tensões com o ambiente que nos rodeia. Esse custo intelectual, emocional e relacional só pode ser assumido se as satisfações esperadas forem suficientes no âmbito da autoestima ou de outros aspectos.

A meu ver, a busca do aperfeiçoamento profissional foi mobilizada pela preocupação em afirmar minha identidade pessoal e profissional, conceber e realizar projetos novos com êxito, aumentar a capacidade de enfrentar a complexidade do mundo e da prática educativa para, mais especificamente e posteriormente, atender à preocupação de proporcionar aos meus alunos uma ação pedagógica eficaz.

Tavares (2001 *apud* CHAVES, 2011, p. 35) traz para discussão o significado do termo resiliência sob a perspectiva psicológica, que se refere “a capacidade de as pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perder o equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodar e reequilibrar constantemente”. Chaves (2011, p. 42) afirma que “a resiliência representa a capacidade concreta das pessoas de superação das situações críticas, mas também de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal, sem se deixarem afetar negativamente, capitalizando as forças negativas de forma construtiva”.

Como “separar” pessoa e profissional e não alimentar expectativas em relação ao outro a partir de minha visão de mundo? É possível essa separação ou estamos fadados a fingir que somos objetivos nas questões do mundo do trabalho? Tal separação é inconcebível à medida que “o professor traz consigo marcas e valores que lhe conferem uma identidade pessoal-profissional. Seu modo de ser, de pensar, de agir, de organizar suas aulas, as relações que estabelece com as turmas, com os colegas de profissão e sua história de vida são aspectos importantes que devem ser considerados ao tentarmos desvelar a organização do cotidiano e da cultura es-

colar” (MELO, 2005, p. 4). Para Yunes (2001 *apud* FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p.767), a “resiliência tem tudo a ver com presenças significativas, com solidariedade, com interações de seres humanos verdadeiramente humanos que formam comunidades saudáveis e acolhedoras”.

No caso da educação e da formação de professores a reflexão não é feita apenas de teorias e de métodos, mas também de experiências e de vivências. Neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: formar é sempre formar-se. Por isso, é tão importante o trabalho sobre nós mesmos e sobre as nossas práticas. Temos dito, e repetido, que o professor é a pessoa. E que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise. (NÓVOA, 2009, p.12)

Será necessário abrir mão de meus valores e princípios, os quais considero atuais em tempos de crise, a fim de chamar o outro, me pôr no lugar do outro, me deixar seduzir pelo caminho mais fácil e cômodo? Caminho difícil constatar que valores como respeito, educação, tolerância, solidariedade estão se perdendo nos corpos inertes de alguns alunos e alunas... O professor não está morrendo, sua função não está desaparecendo, mas ela está se transformando profundamente, adquirindo uma nova **identidade**. E isso não é nada novo, pois cada geração de professores constitui a própria identidade docente no contexto em que vive. Atualmente, o contexto é o próprio mundo globalizado. O professor precisa hoje adequar sua função, ensinar, educar no mundo globalizado, até para transformar profundamente o modelo de globalização dominante, essencialmente perverso e excludente. em uma época de incertezas, de perplexidades, de transição, esse profissional [o professor, o educador] deve construir sentido com seus alunos. O processo

ensino-aprendizagem deve ter sentido para o projeto de vida de ambos para que seja um processo verdadeiramente educativo. O grande mal-estar de muitos de nossos professores e de nossas escolas está no “viver sem sentido” do que estão fazendo. O ato educativo está essencialmente ligado ao viver com sentido, à impregnação de sentido para nossas vidas (GADOTTI, 2003, s/p). Identifico nessa perspectiva a tendência à transcendência e à busca permanente de sentido (CHAVES, 2011), e, na minha experiência resiliente, vislumbra-se a possibilidade de investigação das potencialidades do ser humano diante dos desafios e das dificuldades de sua ação.

Na esteira dessas ideias, “é importante que o professor, enquanto agente de sua cultura, atente-se para o fato de que em sua prática cotidiana está formando sujeitos, influenciando consciências. Nesse sentido, deve refletir continuamente sobre suas ações, questionar sua visão de mundo, os valores e as regras que permeiam suas relações, pois assim terá a possibilidade de, ao pensar o seu mundo, rever os problemas que enfrenta em seu cotidiano e buscar formas concretas de melhorar sua prática pedagógica” (MELO, 2005, p. 5).

Será que estou fadada a me desencantar, a desanimar, a desistir da ação verdadeiramente formativa? Por que corpos que não são tocados por minha prática tanto me incomodam a ponto de me desestruturar física e emocionalmente? Quando o trabalho educativo torna-se uma negação da vida? Penso que quando não consigo concretizar ideais e crenças de educação diante da “filosofia” da instituição escolar, quando não há eco de meu esforço profissional por parte da instituição escolar, dos alunos ou de seus pais, quando minha frustração é maior que meus investimentos pessoais e profissionais, quando meu trabalho não tem qualquer tipo de reconhecimento, enfim, quando eu, como educadora, perco o sentido daquilo que faço e em que acredito. Todos esses elementos, combinados com outros inúmeros fatores imbricados, podem, ao meu ver, provocar a desistência do educador – síndrome de Burnout –, podem esvaziar o trabalho docente de sentido e de vida. Por outro lado, há autores que defendem a ideia de que não há uma crise do sujeito, de identidade ou da profissão, já que os

problemas referem-se à adoção de uma concepção que já não é adequada ao momento vivido, uma vez que a identidade do sujeito é formada e modificada em um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem (SOUZA; PEREIRA; MARTINS, s/d).

Será que tenho condições de perseverar? Não sei, estou num momento de descrença, de necessidade de rever os caminhos para construir minha trajetória profissional. De acordo com Nóvoa (2009, p.13), estamos no limiar de uma proposta teórica, com enormes consequências para a formação de professores:

[...] que constrói uma teoria da pessoalidade no interior mesmo de uma teoria da profissionalidade. É este esforço, do qual apenas nos abeiramos timidamente, que pode ajudar a reconstruir sentidos no seio de uma profissão que está hoje fragmentada. Estou a falar de práticas de autoformação, da construção de narrativas sobre as nossas próprias histórias de vida pessoal e profissional. Estou a falar da necessidade de cada um se contar a si mesmo como modo de adquirir uma maior consciência do seu trabalho como educador.

Terei condições de construir a coerência entre o que falo e o que faço, em tempos de contradição, de individualismo, de descaracterização das relações humanas? Tais características são cada vez mais evidentes aos fenômenos práticos: **complexidade, incerteza, instabilidade, singularidade e conflito de valores**. Os problemas da prática social não podem ser reduzidos a problemas meramente instrumentais, em que a tarefa profissional resume-se a uma acertada escolha e aplicação de meios e de procedimentos. De um modo geral, na prática, não existem problemas, mas, sim, situações problemáticas, que se apresentam frequentemente como casos únicos que não se enquadram nas categorias genéricas identificadas pela técnica e pela teoria existentes (PÉREZ GÓMEZ *apud* NÓVOA, 1995, p. 99-100). A complexidade sempre deixa-nos com uma sensação de desesperança e impotência. No entanto, espantosamente, continuamos, dia a dia, sempre esperando, meio inconscientemente, alguma coisa mais simples e com mais significado (BUSCAGLIA, 2000, p. 194).

O professor, como qualquer homem / mulher contemporâneo, vive essas contradições e as dificuldades para construir / reconstruir suas concepções, uma vez que, segundo Hall (2002, p. 15), a modernidade “não é definida apenas como experiência e convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas uma forma altamente reflexiva de vida” (SOUZA; PEREIRA; MARTINS, s/d).

A resiliência na ação docente se consolida com a valorização, pelo próprio professor, da importância de fortalecer uma atuação dialógica, crítica, ética, participativa e colaborativa, que lhe permita refletir sobre suas decisões, criando-se, desta forma, um ambiente de suporte afetivo e emocional necessário para trabalhar. (FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 771)

Narrativa 2

Há alguns dias, tenho refletido sobre a minha verdadeira disponibilidade de estar e ficar em educação, ser docente, estar em sala de aula, lidar com subjetividades humanas, gerenciar angústias, incertezas, pessimismo generalizado(?), realidades diversas em cada microcosmos de cada turma de alunos. Realizo-me em aspectos da profissão docente no que se refere ao planejamento das aulas, elaboração dos materiais, desenvolvimento das propostas, mas, recentemente, tenho me flagrado num estado de ânimo (ou desânimo?) que me faz repensar se tenho condições e se desejo, de fato, continuar em sala de aula presencial, lidando com os conflitos e os limites dessa “profissão impossível”, por ser humana. Vejo-me sendo incoerente quando “prego” fundamentos ideais aos alunos e me vejo sem muitos ideais e esperanças de que as coisas vão melhorar na formação de professores. Será que não estou criando expectativas falsas e ilusórias em relação à educação? Será que não estou fugindo de minha responsabilidade e função social? Será que (já?) me cansei desta profissão árdua e ao mesmo tempo fascinante? Muitos gostariam de estar em uma sala de aula, dando aulas, formando “gentes”, formando-se professor. Tenho consciência da importância de meu papel e do privilégio de ter espaços e processos que me possibilitam ser e estar professora. [...] Será que é somente um estado de ânimo passageiro, externo à minha essência de educadora? Será que vou conseguir sustentar a minha função docente com

dignidade, comprometimento, profissionalismo, sentido...como tenho me empenhado em fazer e ser, há 14 anos? Será que... vou avançar rumo a novos desafios e novas possibilidades em educação? O tempo trará as “respostas”, os caminhos possíveis e impossíveis. O registro me acende uma chama de alento, na medida em que não me vejo exercendo outra profissão, apesar dos “ossos do ofício”. A realidade desvela contradições e nela me construo, desconstruo, me fortaleço... (Luciana, em 11 de março de 2011).

Como afirma Saviani (2000, p. 10, 16), todos e cada um de nós descobrimo-nos existindo no mundo (existência que é agir, sentir, pensar). Tal existência transcorre normalmente, espontaneamente, até que algo interrompe seu curso, interfere no processo alterando sua sequência natural. Aí, então, o homem é levado, é obrigado mesmo a deter-se, examinar, procurar descobrir o que é esse algo. E é, a partir desse momento, que ele começa a filosofar. O ponto de partida da filosofia é, pois, esse algo a que damos o nome de problema.

[...] problema, apesar do desgaste determinado pelo uso excessivo do termo, possui um sentido profundamente vital e altamente dramático para a existência humana, pois indica uma situação de impasse. Trata-se de uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente. O afrontamento, pelo homem, dos problemas que a realidade apresenta, eis aí, o que é a filosofia. Isto significa, então, que a filosofia não se caracteriza por um conteúdo específico, mas ela é, fundamentalmente, uma atitude; uma atitude que o homem toma perante a realidade. Ao desafio da realidade, representado pelo problema, o homem responde com a reflexão.

Nesse contexto, Rios (2001, p. 77) alerta-nos ao fato de que, “se considerarmos apenas o perigo, corremos o risco de nos deixarmos envolver por uma atitude negativa, ignorando as alternativas de superação. É importante considerar a perspectiva de oportunidade, que nos remete à crítica, como um momento fértil de reflexão e de reorientação da prática”.

A abordagem humanista de Carl Rogers (1975) converge com a capacidade de superação e de autoatualização na experiência resiliente, já que o ser humano é considerado inacabado e único, e, nesse sentido, “a forma com que a resiliência se apresentará dependerá também de como as pessoas enfrentarão as adversidades [...] Além disso, nem toda estratégia de enfrentamento é bem-sucedida e, por isso, nem sempre resultará em resiliência” (CHAVES, 2011, p. 39).

Narrativa 3

Sei que não posso nem devo generalizar, mas venho me deparando com alunos / alunas que não têm comprometimento com a própria formação profissional, não apresentam postura desejável na sala de aula, desrespeitam a mim e aos colegas da turma, ao que me parece, sem perceber o quanto seu comportamento é inadequado e prejudicial a todos os envolvidos... me vejo questionando até quando vou tolerar — essa é a palavra, pois, talvez, eu não esteja exercitando a tolerância em minha prática, à medida que espero do outro atitudes, posturas, envolvimento, comprometimento, respeito, enfim, valores que são meus. Há uma geração mostrando que os valores estão mudando para uma situação de caos, de “terra de ninguém”, do “cada um por si”. Até que ponto devo ceder a essas mudanças, me anular como pessoa e profissional para continuar sendo professora? Será esse o caminho? Fingir que não vejo, que não me importo, que não me faz diferença e não me diz respeito? As teorias dizem que precisamos conhecer nosso aluno, suas necessidades, seus desejos, seus projetos, para então ensinar. Mas esse conhecimento exige de mim abertura para o diferente, para o não convencional, para uma outra forma de ver o mundo. Estabelecer vínculos afetivos para aproximar o aluno do conhecimento... mas a construção desse vínculo não seria propriamente via conhecimento?[...] Como, então, estabelecer uma relação de confiança para a construção de conhecimentos? Estou preparada para conviver com a diversidade de uma turma? Mesmo que uma minoria, alguns alunos têm demonstrado que não se importam com o que digo, o que faço ou o que me proponho a fazer, na minha função docente / formadora. E isso me incomoda muito, a ponto de prejudicar a qualidade do meu trabalho. Será que sou narcisista? Será que

quero agradar a todos? Isso não seria impossível em uma profissão essencialmente humana? O que fazer? Não estou conseguindo lidar com esses alunos... O que fazer? "Ignorá-los" para não prejudicar os outros? Chamá-los? Mas como? Eu preciso mudar? Eles precisam mudar? Eu preciso respeitar o tempo de amadurecimento de cada um? Ou devo exigir o mínimo de postura para a convivência em espaços coletivos de construção de conhecimentos? Será que tenho força, fôlego, "sangue de barata", esperança para continuar formando pessoas? Será? Se eu não aprender uma forma de lidar com essa sensação de desconforto, desilusão, frustração, talvez tenha de repensar novos caminhos, novas escolhas, outras rupturas existenciais. Somente o tempo trará as respostas, ou as novas perguntas... (Luciana, em 23 de setembro de 2011).

O professor já nasce inserido em seu cotidiano. [...] Como todo indivíduo, o professor é simultaneamente um ser particular e um ser genérico. [...] Em seu cotidiano, ele trabalha com estas duas forças: as que vêm da generalização da sua função e as que partem dele enquanto individualidade. Nem sempre ambas caminham no mesmo sentido. Muitas vezes, é do conflito entre elas que se origina a mudança das atitudes do professor (CUNHA, 1989, p. 157). Dessa forma, segundo a mesma autora, podemos constatar que:

O professor constrói sua *performance* a partir de inúmeras referências. Entre elas, estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão. Através da narrativa, ele vai descobrindo os significados que tem atribuído aos fatos que viveu e, assim, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo.

O professor que se insere nessa perspectiva autoformativa está dizendo que mudar o espaço de ensino não significa ape-

nas mudar a metodologia ou adotar os procedimentos de um professor bem-sucedido, significa questionar profundamente as próprias posições filosóficas, epistemológicas, políticas e ideológicas. Significa entender-se como ser histórico e perguntar-se sobre suas intencionalidades, o que é diferente de simplesmente discutir, informar-se, polemizar. [...] É ter uma permanente frente de luta, assumir conflitos pelo alcance que possam ter não apenas na própria história individual, mas pelo que possam significar na sua esfera humano-genérica – construtora do bem social (PIMENTEL, 1993, p. 37).

[...] há professores que apresentam maior resistência aos fatores agressores encontrados na prática, criando alternativas para controlar os desafios e responder às dificuldades, reagindo às adversidades e mostrando-se capazes de recuperação das agressões sofridas, conseguindo, assim, diminuir seu estresse. Esses profissionais detêm características que fortalecem a resiliência. (SILVA; ALVES; MOTTA *apud* FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2010, p. 763)

Pimenta (2002, p. 36) afirma que a centralidade colocada nos professores traduziu-se na valorização de seu pensar, de seu sentir, de suas crenças e seus valores como aspectos importantes para se compreender seu fazer, não apenas de sala de aula, pois os professores não se limitam a executar currículos, senão que também os elaboram, os definem, os reinterpretam. Daí a prioridade de se realizar pesquisas para se **compreender** o exercício da docência, os processos de construção da identidade docente, de sua profissionalidade, o desenvolvimento da profissionalização, as condições em que trabalham, de *status* e de liderança.

Conforme enuncia Boeing (2002 *apud* LÜDKE; BOEING, 2004), “somente a prática dará consistência ao repertório pedagógico que os professores foram assimilando ao longo de sua formação. Assim, não se pode falar de profissionalização docente sem referir ao estabelecimento de ensino. Existe uma íntima relação entre o estabelecimento de ensino e a profissionalização docente”, uma vez que “é no exercício diário da profissão que os

professores vão construindo conhecimentos que são tecidos em diferentes espaços e relações pessoais, o que solicita a busca de uma identidade que se constrói e se transforma com a escola, a comunidade e os alunos” (SOUZA; PEREIRA; MARTINS, s/d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou uma pessoa movida por sonhos, projetos, desejos, como qualquer outra pessoa³. Talvez o que me faz diferente seja o fato de que meus projetos têm um significado crucial em minha vida e em tudo que eu faço. Só consigo prosseguir se encontro sentido no que faço. Na simplicidade, aprendemos que reconhecer um erro ou uma lacuna em nossas vidas não nos diminui, mas nos engrandece, e que as pessoas existem para compartilhar conosco a beleza da existência. Nessa fase, as pessoas usam a sabedoria para aproveitar todos os acontecimentos que ocorrem na vida profissional e utilizam a dor para se aprimorarem. Não são as dificuldades e a complexidade que me fazem desistir, mas a falta de ética, a vaidade humana, a falta de parceria naquilo que acredito ser o melhor – não que seja o melhor. Tudo na vida é valorativo, e nossas ações são permeadas pelos valores que construímos e carregamos em nossa caminhada. Concordo com Buscaglia (2000) quando afirma que, para ele, a melhor coisa que temos é a vida. E onde há vida, conforme a crença popular, há esperança. Assim, talvez, se conseguirmos escolher a vida, não será tão difícil quanto imaginamos. Lutar simplesmente para se mostrar rebelde não conduz a nada. Lutar torna-se saudável quando se constrói felicidade. Nesse contexto, “a maneira pela qual vai se superar ou não uma adversidade depende de muitas variáveis, tais como: pelas circunstâncias (sobretudo de sua primeira infância), pelas mensagens que recebeu, pelas ligações afetivas que criou e a segurança que estas lhe fizeram sentir” (CHAVES, 2011, p. 45).

³ Antunes (2007 *apud* CHAVES, 2011, p. 42) considera que as pessoas com características resilientes [...] conseguem se organizar, construir momentos autênticos de alegria, ter projetos e planos.

Na mesma direção, é preciso ter clareza de que a história se constrói em um movimento de relação dialética, em que interagem o mundo intersubjetivo e o mundo objetivo. Cada um se constrói em relações sociais, culturais, históricas, humanas, materiais em sua época, em seu contexto, em sua singularidade de ser sujeito de sua vida, de sua existência. E tudo isso deve ser contemplado na formação de professores, seja na inicial, seja na continuada, e deve estender-se na consideração da interioridade dos professores no enfrentamento do cotidiano de sua existência pessoal e profissional. “A grande questão é para onde vamos orientar essa complexidade, para que essas contradições todas (ao se referir à condição de *homo sapiens* e *homo demens* do ser humano), das quais somos constituídos, possam ser, de alguma forma, canalizadas, orientadas para a construção da felicidade” (SANTOS NETO, 2002, p. 51).

Revisitar meus registros reflexivos acerca da minha trajetória docente possibilitou-me, além do resgate de minha história de vida pessoal e profissional, o desvelamento das condições nas quais fui me tornando pessoa-aprendiz e, como desdobramento desse processo, professora-aprendiz em constante processo de constituição e transformação. Analisar tais registros carregados de tensões remeteu-me ao que fui ontem, ao que sou hoje e ao que quero ser amanhã, à medida que “os conhecimentos produzidos pelos homens são datados e contextualizados. Surgem de situações concretas em face de condições também concretas de produção. As necessidades que os acionam são diversas, e seu significado é também diverso” (DALBEN, 1992, p. 32).

Acredito que exercitar a sensibilidade – em um esforço de compreensão do *aluno-ser humano-sujeito em sua inteireza* – aproxima-nos de um passo qualitativo em direção a uma reflexão crítica por parte do educador. Assim, trata-se justamente de pensar o que nos compete enquanto profissionais da educação, em busca permanente de sentidos para uma ação pedagógica compreensiva que contemple, por sua vez, os desafios da profissão docente neste século 21, em prol do “exercício de uma docência responsável, ética e comprometida com um projeto de sociedade mais humana” (MELO, 2005, p. 1).

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BUSCAGLIA, Leo. **Vivendo, amando e aprendendo**. Tradução Luzia Caminha Machado da Costa. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Nova Era).
- CHAVES, Ana Lúcia G. L. **Resiliência e formação humana em professores: em busca da integridade**. Recife: Editora da UFPE, 2011.
- CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1989. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. O currículo escolar e a realidade do cotidiano. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, jun. 1992.
- FAJARDO, Indinalva Nepomuceno; MINAYO, Maria Cecília de Souza; MOREIRA, Carlos Otávio Fiúza. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. Ensaio: **Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.18, n. 69, p. 761-774, out/dez. 2010.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo, SP: Grubhas, 2003.
- LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. “Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, set./dez. 2004.
- MELO, Geovana Ferreira. Em questão: o lugar dos saberes docentes. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, MG, v. IV, n. IV, 2005.
- NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Nova Enciclopédia, Temas da Educação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, António. Andamos sempre carregados de história (prefácio). **Educação & Linguagem**, v. 12, n. 20, jul./dez. 2009.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. Brasil: Cortez, 2002.
- PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- RIOS, Terezinha Azeredo. Ética e competência. 11. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época, v.16).
- SANTOS NETO, Elydio dos. **Educação e complexidade: pensando com Dom Bosco e Edgar Morin**. São Paulo: Editora Salesiana, 2002. (Coleção Viva Voz, 4).
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 13. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção Educação Contemporânea).

SOUZA, Luzia M. de; PEREIRA, Navair M.; MARTINS, Carla H. Fernandes. **O cotidiano escolar e o currículo como meio de formação e construção de identidades.**

SOUZA, Luzia M. de; PEREIRA, Navair M.; MARTINS, Carla H. Fernandes. O cotidiano escolar e o currículo como meio de formação e construção de identidades.

Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Falb.com.br%2Farquivo-morto%2Fedicoes_antteriores%2Fanais14%2FSem14%2FC14036.doc&ei=yo-HUruaOsflkAevkIHgDA&usg=AFQjCNGNNuxpn9a_OdcqGGCPHYICBLOJ3Q&bvm=bv.56643336,d.eW0. Acesso: 15/11/2013.

UTSUMI, Luciana Miyuki Sado. **Professoras bem-sucedidas são professoras reflexivas?! A prática da reflexividade nas ações pedagógicas de professoras nos anos iniciais de escolaridade.** Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2004. 231f.

UTSUMI, Luciana Miyuki Sado. **Jornal de pesquisa: deixando a minha marca.** Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado), 2004. UTSUMI, Luciana Miyuki Sado. **Jornal de pesquisa: deixando a minha marca.** Trabalho final apresentado para a disciplina “Novos Paradigmas, Subjetividade e Formação de Educadores”, ministrada pelo Prof.Dr. Elydio dos Santos Neto. Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). 2004.

UTSUMI, Luciana Miyuki Sado. Professoras bem-sucedidas são professoras reflexivas?! A prática da reflexividade nas ações pedagógicas de professoras nos anos iniciais de escolaridade. In: **Olhar de professor.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, 2005.

UTSUMI, Luciana Miyuki Sado. É possível formar professores reflexivos que possam situar-se em níveis da realidade escolar? Considerações acerca da formação de professores na construção de uma escola reflexiva. **ACADEMOS.** Revista da Faculdade Interação Americana (FIA), v. II, n. 2, p. 69-77, jul.-dez. 2006. ISSN 1809-3604.